



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas
Faculdade de Administração e Ciências Contábeis
Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação



CAROLINA PATROCÍNIO TEIXEIRA VAZ

A MEMÓRIA SOCIAL E O REGISTRO DA INFORMAÇÃO NA “REVOLUÇÃO DOS BICHOS”

Rio de Janeiro
2010

CAROLINA PATROCÍNIO TEIXEIRA VAZ

A MEMÓRIA SOCIAL E O REGISTRO DA INFORMAÇÃO NA “REVOLUÇÃO DOS BICHOS”

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação, da UFRJ, para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientador: Antonio José Barbosa de Oliveira

Rio de Janeiro
2010

V393m Vaz, Carolina Patrocínio Teixeira.

A memória social e o registro da informação na “Revolução dos Bichos” / Carolina Patrocínio Teixeira Vaz. – 2010.

27 f. : 30 cm

Orientador: Antonio José Barbosa de Oliveira
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia).
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

Inclui bibliografia.

1. Memória Social. 2. Registro da Informação. 3. Revolução dos Bichos. I. Orientador. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro. III. Título.

CDU: 930.85

CAROLINA PATROCÍNIO TEIXEIRA VAZ

A MEMÓRIA SOCIAL E O REGISTRO DA INFORMAÇÃO NA “REVOLUÇÃO DOS BICHOS”

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação, da UFRJ, para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Aprovado em:

COMISSÃO EXAMINADORA

Professor Antonio José Barbosa de Oliveira

Profa. Ana Senna

Profa. Valéria Gauz

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador, pela paciência e colaboração.

o grande jogo da história será de quem se apoderar das regras, de quem tomar o lugar daqueles que as utilizam, de quem disfarçar para pervertê-las, utilizá-las ao inverso e voltá-las contra aqueles que as tinham imposto

Foucault

VAZ, Carolina Patrocínio Teixeira. **A memória social e o registro da informação na “Revolução dos Bichos”**. 2010. 27 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) -- Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação, Faculdade de Administração e Ciências Contábeis, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2010.

RESUMO

Este trabalho aborda as relações existentes entre as diversas formas de registro da informação e a produção de memórias coletivamente compartilhadas, tendo como eixo o estudo de caso da obra “A revolução dos bichos”, do escritor inglês George Orwell. A obra, escrita originalmente como crítica ao estado autoritário Stalinista, foi também adaptada para o cinema e serve como referência para articulações entre conceitos dos campos da informação e da memória social. Se é verdade que os signos são revestidos de conteúdo ideológico e sua compreensão pressupõe o compartilhamento de referenciais socialmente produzidos que lhes atribui sentidos, é também verdade que o conteúdo informativo, nas suas diversas materialidades, suportes e formas diferenciadas de registros, se constitui como aspecto imprescindível à produção e transmissão desses referenciais produtores de memórias. É nessa linha que pretende-se desenvolver o presente trabalho.

Palavras-chave: Memória Social. Registro da Informação. Revolução dos Bichos.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	JUSTIFICATIVA	10
3	OBJETIVOS	11
3.1	Objetivo Geral	11
3.2	Objetivos Específicos	11
4	METODOLOGIA	12
5	A OBRA	13
5.1	Resumo	13
5.2	Paralelo com a história	15
6	CONCEITO X OBRA	18
6.1	Memória	18
6.2	A palavra escrita	21
6.3	Documento/Monumento	22
6.4	A palavra e a oralidade	23
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
	REFERÊNCIAS	

1 INTRODUÇÃO

A memória e os documentos possuem papel de grande importância na sociedade, pois são elementos imprescindíveis para a construção da identidade individual e coletiva. Neste trabalho faremos uma leitura sobre a importância dos mesmos através da obra “A Revolução dos Bichos”, de George Orwell.

Tal obra é conhecida por fazer uma analogia com a Revolução Russa e do período Stalinista da União Soviética, pois o autor era um forte crítico de Stalin e das “falsidades” ditas em favor de um sistema que, para Orwell, estava longe do verdadeiro socialismo. O período Stalinista no livro é considerado um desvirtuador de uma memória revolucionária. Desvirtuador por utilizar acontecimentos e idéias/ideais para estruturar um estado totalitário.

A obra a Revolução dos bichos é uma fábula, que narra a revolução dos animais de uma fazenda contra o seu dono, os animais que passam a governar a fazenda. Porém, com o passar do tempo, a revolução acaba sendo desvirtuada e acaba se tornando mais ou igualmente tirânica e opressiva do que quando os animais eram governados por humanos.

Durante o desenrolar da obra podemos notar a utilização da linguagem e dos suportes da informação como forma de dominação e a partir disso buscaremos apontar e exemplificar a importância da memória e da informação escrita para a sociedade. Pois ambas estão vulneráveis a manipulação, ordenamentos, classificação (hierarquização), apagamentos e se faz importante analisarmos e observarmos os efeitos junto a sociedade na consolidação da memória coletiva.

Neste trabalho pretende-se fazer associações entre a obra e conceitos de memória social e informação, percebendo as íntimas relações que se estabelecem entre tais elementos. Enquanto produção coletiva, a memória será entendida como um fenômeno que promove processos de identificações, que são imprescindíveis à organização de qualquer corpo social. Na produção e disseminação de memórias coletivas também serão consideradas as análises relativas os diversos meios de produção, registro, armazenamento e difusão de conteúdos informacionais, bem como à importância da

palavra (quer seja oral ou escrita) na constituição das ideologias e dos sujeitos.

2 JUSTIFICATIVA

O trabalho se justifica pela importância dada à observação dos mecanismos presentes nas relações entre a produção das memórias e os mecanismos de transmissão e do registro das informações. O que muitas vezes é naturalizado nas existências individuais e coletivas é decorrente da consolidação de memórias, transmitidas de geração a geração. Essa transmissão e compartilhamento de formas conjuntas de lembranças, só se tornam possíveis a partir da existência de registros e dos diversos mecanismos para produção, controle e disseminação de informações que são transmitidas à coletividade, através de diversos suportes, materiais e imateriais.

3 OBJETIVOS

Para os fins que se pretende com o trabalho, podemos dividir os objetivos entre:

3.1 Objetivo Geral

Refletir sobre as relações existentes entre o registro e transmissão da informação com a produção de memórias coletivas.

3.2 Objetivos Específicos

A partir da obra “A Revolução dos Bichos”, perceber:

- a) as relações entre memória, ideologia e poder;
- b) os mecanismos de controle da informação como forma de dominação; e
- c) os diversos suportes /meios de transmissão da informação e suas especificidades.

4 METODOLOGIA

A metodologia adotada é pesquisa bibliográfica que procurará articular a obra de Orwell com conceitos teóricos de autores trabalhados no decorrer do curso.

Procedimentos:

- a) revisão de literatura;
- b) análise da literatura;
- c) conclusão da análise; e
- d) redação e apresentação do trabalho.

5 A OBRA

5.1 Resumo

A Revolução dos bichos se passa na Granja do Solar, situada em uma pequena cidade da Inglaterra e tendo como dono o Sr. Jones. A obra é uma metáfora que tem a Revolução Russa de 1917, e, particularmente, o regime stalinista que veio posteriormente, como seu objeto de referência e crítica.

O Velho Major (um porco) teve um sonho, sobre uma revolução em que os bichos seriam auto-suficientes, sendo todos iguais. Essa revolução iria libertar os animais do jugo dos homens dessa forma o porco comunica aos outros animais o seu sonho, numa canção chamada Animais de Inglaterra, que expõe a sua filosofia, o Animalismo.

Três dias depois, o Velho Major morre, mas mesmo assim os animais colocaram em prática a idéia do líder, fazendo a Revolução dos Bichos. Após a revolução, a Granja passou a se chamar Granja dos Bichos, e quem a administrava era Bola-de-Neve (porco).

Bola-de-Neve seguia os princípios do Animalismo, e mesmo sendo mais culto em relação aos outros animais, sempre se considerou igual a todos, não tendo privilégios devido à sua condição de líder. Seu assistente era Napoleão (porco), que na ânsia pelo poder, trai o amigo e assume a administração da Granja.

Napoleão mostrou-se competente e justo no começo, mas depois passou a desrespeitar claramente os sete mandamentos que eram:

- 1. Qualquer coisa que ande sobre duas pernas é inimigo.*
- 2. Qualquer coisa que ande sobre quatro pernas, ou tenha asas, é amigo.*
- 3. Nenhum animal usará roupas.*
- 4. Nenhum animal dormirá em cama.*
- 5. Nenhum animal beberá álcool.*
- 6. Nenhum animal matará outro animal.*
- 7. Todos os animais são iguais.*

Tais mandamentos afirmavam as idéias Animalistas e para simplificar os mandamentos para alguns animais foi criado o slogan que era sempre repetido pelas ovelhas: “Quatro pernas bom, duas pernas ruim”. Pelos mandamentos, pode-se perceber que havia a intenção de constituição de diferenças demarcadas entre animais e humanos.

Desta forma, a identidade do animal seria construída a partir do antagonismo (pela diferenciação) com o humano. Sabe-se que a identidade é um fenômeno construído pelo compartilhamento de memórias. No caso em questão, a identidade do “animalismo” era a não-identidade “humana”. Sendo assim, seria necessário que se criasse novas memórias que integrassem os animais na nova ordem que pretendia se estabelecer.

Depois de aproximadamente cinco anos, Napoleão já havia mudado os mandamentos da revolução, ocupava a casa do Sr. Jones, bebia álcool, vestia as roupas do ex-dono, andava somente sobre duas pernas e convivia com seres humanos, enfim agia em benefício próprio, instalando um regime ditatorial, dominando e hostilizando os demais animais, considerados seres inferiores e sem direitos. Reside aqui a forma como Orwell critica o governo stalinista (bem como a todos os governos ditatoriais que se perpetuam no poder a partir do ideário revolucionário).

O que fica subjacente à obra é a exposição dos mecanismos utilizados pelos detentores do poder para a legitimação das estruturas, valendo-se de acordos e tratados obscuros, bem como pela utilização dos mais diversos mecanismos de produção, controle e difusão da informação. Pouco a pouco, os registros escritos, transformados em leis, foram sendo adaptados para adequarem-se aos novos interesses.

Os mandamentos modificados ficaram dessa forma:

4. *Nenhum animal dormirá em cama **com lençóis**.*
5. *Nenhum animal beberá álcool **em excesso***
6. *Nenhum animal matará outro animal **sem motivo**.*
7. *Todos os animais são iguais, mas **alguns são mais iguais que os outros**.*

O coro das ovelhas também foi modificado, em lugar do tradicional “quatro pernas

bom, duas pernas ruim”, agora repetiam em uníssono: “quatro pernas bom, duas pernas melhor”.

Napoleão conseguiu sair vitorioso graças à ajuda de Garganta, porco servil e obediente e que, através de bons argumentos, convenciu os animais de que tudo o que acontecia era para o bem deles. Sabe-se que a repetição é um elemento poderoso para a constituição de memórias comuns que são compartilhadas e disseminadas entre os membros de uma coletividade a partir da existência de instituições como família, igrejas e escolas.

A princípio, houve um socialismo democrático, em que todos participavam de assembleias, dando idéias e sugestões, liderados por Bola-de-Neve, bem aceito pelos animais em geral.

Napoleão representa o desejo da onipotência, do poder absoluto e, para conseguir seus objetivos, tudo passa a ser válido: mentiras, traições, mudanças de regras. Tempos depois instaurava-se na Granja uma verdadeira ditadura, o regime em que não há liberdade de expressão, direito a opiniões etc.

A situação fica mais crítica do que quando Jones era o dono da Granja porque, mais do que nunca, os direitos animais foram violados de forma cruel e tendo consequências gravíssimas como a morte de alguns, o desaparecimento de outros e muita tortura.

Dessa forma a revolução dos animais da fazenda foi totalmente desvirtuada, os sete mandamentos ficaram reduzidos a apenas um.

“Todos animais são iguais, mas alguns animais são mais iguais que outros” e ao fim da história não era mais possível distinguir quem era homem e quem era porco. Estava destruída, segundo o autor, a utopia de uma sociedade sem classes, desejo incontestado da Revolução Comunista.

5.2 Paralelo com a história

Através da obra *Revolução dos Bichos* o autor George Orwell faz um paralelo com a história da Revolução Russa de forma que podemos notar claramente semelhanças de

personagens fictícios com personagens históricos.

A obra é uma fábula, mas também se utiliza de uma linguagem metafórica.

Fábula é uma narração breve, de natureza simbólica, cujos personagens por via de regra são animais que pensam, agem e sentem como os seres humanos. Esta narrativa tem por objetivo transmitir uma lição de moral.

Já a metáfora é uma figura de estilo (ou tropo linguístico), que consiste numa comparação entre dois elementos por meio de seus significados imagísticos, causando o efeito de atribuição "inesperada" ou improvável de significados de um termo a outro. Didaticamente, pode-se considerá-la como uma comparação que não usa conectivo (por exemplo, "como"), mas que apresenta de forma literal uma equivalência que é apenas figurada.

O que é interessante observar é que a linguagem metafórica, para ter o sentido pretendido, necessita que haja um compartilhamento de memórias entre os envolvidos, já que ela pressupõe que o leitor da obra fará uma analogia direta entre os enunciados e os eventos/personagens a que o autor realmente pretende inferir.

PERSONAGENS HISTÓRICAS	PERSONAGENS FICTÍCIAS	CARACTERÍSTICAS DE AMBAS AS PERSONAGENS
Nicolau II	Sr. Jones	Deposto pela Revolução.
Marx ou Lênin	Velho Major (porco)	Idealista e primeiro líder da revolução.
Trotsky	Bola de Neve (porco)	Um dos líderes da revolução, culto, encarregado das operações defensivas.
Stalin	Napoleão (porco)	Líder autoritário e repressor.
Sistema de propaganda do regime	Garganta (porco)	Porta-voz das notícias e possuía grande poder de convencimento.
Classe operária - Alexei Stakhanov	Sansão (pode representar Alexei Stakhanov) e Quitéria(cavalos)	Estrutura – mundo da produção.

Igreja	Corvo	Superestrutura – mundo ideológico/ institucional que cria e é criado por/pela estrutura.
Polícia	Cães verazes	Não permitiam dissensão nem oposição ao poder central.
Massa alienada	Ovelhas	Acreditavam e repetiam qualquer tipo de informação passada pelas autoridades.

É importante ter sempre em mente a relação entre texto com um contexto. Podemos considerar que um texto é a materialidade discursiva que se expressa. Tal expressão se dá através dos enunciados. Dessa forma, um texto e um enunciado são mais do que o somatório de palavras que os compõem. Se o texto é a materialidade, o contexto é ideológico, amplo, social e, assim sendo, implica do domínio de códigos mais amplos de compreensão que lhe dão maiores significados. Quando cientes de um contexto, atribuímos maiores possibilidades de entendimento a um conteúdo informativo. Talvez seja por isso que autores como McGarry (1999), afirmam que “lemos com o cérebro” e não com os olhos.

6 CONCEITOS X A OBRA

6.1 Memória

A obra *Revolução dos Bichos*, ao longo de sua história, nos mostra o poder que os mecanismos de transmissão e do registro da informação possuem sobre uma sociedade. Mostra também aspectos que constituem o conteúdo informativo e ideológico que caracterizam os meios de comunicação de massa, bem como a importância da memória coletiva como agente unificador dos grupos sociais. Diversos conceitos podem ser aplicados na obra, porém os conceitos de documento/monumento e de memória coletiva (construção/manipulação) ganham sentidos ao longo de toda a história.

O conceito de memória sofreu transformações através dos tempos. Na Antiguidade Clássica e na Idade Média a memória possuía uma conotação religiosa. Na Antiguidade era representada pela deusa Mnemosine, filha de Cronos (Céu) e de Terra (Gea), mãe de Clio (História), as pessoas nessa época consideravam que, sem memória, não haveria as artes e que ela faz ligação entre o mundo do real e o mundo da representação.

Já no período medieval é na memória que está à lembrança de Deus (memória inata). Embora ainda considerada um atributo que liga o humano à divindade, cada vez a memória vai sendo concebida, entre a Idade Média e a Modernidade, a partir do indivíduo, como elemento único que o caracteriza.

Somente no século XIX a memória é entendida como faculdade humana individual, destituída de qualquer conteúdo teológico. Assim sendo, os estudos que se dedicavam à sua compreensão estavam circunscritos à Filosofia, Psicologia e Psicanálise.

No século XX, ganha força o conceito de memória como mecanismo social. O sociólogo Maurice Halbwachs, discípulo de Émile Durkheim, é talvez o primeiro a propor o conceito de memória coletiva. Em seu livro, *A Memória Coletiva* [1949],

Halbwachs, embora aparentemente um fenômeno individual, a memória é sempre um fenômeno coletivo porque o ser humano, para se lembrar e organizar suas lembranças, sempre se utiliza de elementos socialmente adquiridos, como por exemplo, a linguagem. Segundo Halbwachs (Id.), quanto mais coletivas forem as nossas experiências, quanto mais associações fizermos entre experiências, pessoas e lugares, mais chances teremos de nos lembrar delas.

Já na segunda metade do século XX, o historiador Pierre Nora (1993, p. 9) conceitua a memória como:

[...] vida, sempre carregada por grupos vivos e , nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta a dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações

Nesse sentido a memória, assim como a cultura, deve ser entendida como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações e mudanças constantes e segundo Pollack (1992, p. 201), também é constituída por acontecimentos, personagens e lugares.

Acontecimentos, de acordo com o Pollack (Id., p. 201) são:

Em primeiro lugar, são acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de "vividos por tabela", ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. Se formos mais longe, a esses acontecimentos vividos por tabela vêm se juntar todos os eventos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou de um grupo. É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada.

Podemos aplicar o mesmo esquema dos acontecimentos para as pessoas, personagens.

Existem as personagens que de fato encontramos ao longo de nossas vidas, personagens frequentadas indiretamente, mas que se tornam quase que conhecidas e as que não pertencem necessariamente ao espaço-tempo próprio da pessoa.

Por último estão os lugares, que segundo Pollack (1992, p. 201-202) podem ser:

lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal [...] Na memória mais pública, nos aspectos mais públicos da pessoa, pode haver lugares de apoio da memória, que são os lugares de comemoração.

Na obra é fácil observar a utilização desses três constituintes de memória.

ACONTECIMENTOS	Transformar os dias de batalhas em dias especiais;
	Transformar determinados eventos e ações como “Oficiais” – Por exemplo, o dia em que os animais tomaram a fazenda; ou o dia em que os animais expulsaram os humanos na tentativa de contra-ataque;
	O dia em que o Velho Major morreu, que será sempre celebrado.
PESSOAS/ PERSONAGENS	Premiar alguns personagens, transformando-os em heróis e referências. Ex: Sansão (cavalo);
	Enaltecendo sempre a figura do Velho Major, inclusive através da exposição de sua cabeça (como se faz com os bustos ou estátuas dos heróis e personalidades);
LUGARES	Enaltecendo a imagem de Napoleão, criando sobre ele uma imagem de líder e condutor do povo, por meio dos meios de comunicação.
	A Fazenda, a casa do Senhor Jones foi transformada em um museu;

O lugar onde o corpo do Velho Major caiu e foi transformado em “praça pública” com bandeira e busto do líder.

A memória como um fenômeno construído vai sendo consolidada através dos registros da informação (palavra escrita e documentos) materializando os discursos que pretendem ser hegemônicos.

Essa materialização dos discursos através da memória nacional, da palavra escrita e dos documentos é objetivo de disputas e não são raros os conflitos para determinar que fatos e acontecimentos vão ser gravados na memória de um povo.

6.2 A palavra escrita

A escrita é uma tecnologia de comunicação, que remonta de épocas A.C e que consiste em deixar gravados palavras ou ideias em um suporte. Tem como função o registro da informação, e também contribui fortemente para a construção do conhecimento e para a disseminação da informação.

Como dito acima, a escrita é um poderoso instrumento para a difusão da informação, a mesma

foi a tecnologia de comunicação mais avançada, desde o quarto milênio A.C até o século XV D.C, quando Gutemberg compôs com tipos móveis, o texto do primeiro livro a ser impresso. [...] A escrita permitiu que ficassem registrados acordos, leis e mandamentos. [...] Tornou possível a consciência histórica contínua. (p. 73) O poder de preservação do pensamento registrado cresceu enormemente. Idéias que haviam sido registradas em poucos manuscritos corriam sempre o perigo de se perderem ou caírem no esquecimento. [...] (McGARRY, 1999, p. 83).

Com a imprensa de Gutemberg o poder da disseminação da palavra escrita cresceu enormemente e junto com a mídia e a propaganda tal poder é potencializado, um dos produtos dessa soma é a cultura de massa.

O mundo contemporâneo está tão impregnado pela palavra impressa que temos

dificuldade em perceber o quão integrada está com o nosso ambiente visual. A palavra impressa comanda o estado moderno.

Na obra de Orwell a palavra escrita ganha grande notoriedade, pois é através dela que a princípio as ideias do Animalismo ficam gravadas e “legitimadas”, expostas para que todos os animais estivessem cientes de quais eram os princípios da revolução, e também, é através desse mesmo meio de comunicação que os animais são manipulados ao longo da história.

6.3 Documento/Monumento

Segundo Le Goff (1997, p. 1) a memória coletiva e a sua forma científica, a história, aplicam-se a dois tipos de materiais: os documentos e os monumentos.

Dessa forma podemos pensar de acordo com a afirmativa de que “Todo documento é monumento”, pois ele remete o historiador (ou qualquer pessoa que o esteja consultando) a sociedade que o produziu e também continua sendo manipulado à medida que vai passando por diversas épocas.

Segundo Le Goff (Id., p. 4), o documento deve ser entendido não como:

qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto documento (/monumento ?) permite à memória colectiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa.

Sendo assim a preservação ou a destruição, consciente ou inconsciente, de um documento pode refletir ou indicar quais eram, por exemplo, as perspectivas econômicas, sociais, políticas e culturais presentes em uma determinada época da sociedade. Também através do documento as sociedades podem determinar, involuntariamente ou voluntariamente, a imagem de si própria que as sociedades posteriores possuíram.

Durante o desenrolar da história vão sendo criados monumentos e lugares de memórias para que acontecimentos/eventos e pessoas fossem recordadas, porém tais lugares e pessoas são escolhidos e determinados pelos líderes da fazenda (porcos).

Na obra é claro o processo de manipulação das leis do animalismo para justificar arbitrariedades que eram cometidas pelos líderes da fazenda. As leis que ficavam escritas a vista de todos os animais eram modificadas e na crença de que todo documento é legítimo os animais apesar de possuírem suspeitas de lembrar que as leis estavam escritas de forma diferente acabavam por acreditar no que estava escrito.

6.4 A palavra e a oralidade

Podemos observar no filme e no livro o grande poder que a palavra possui, de acordo com Bakhtin (2009, p. 38):

devido a esse papel excepcional de instrumento de consciência que a palavra funciona como elemento essencial que acompanha toda criação ideológica, seja ela qual for. A palavra acompanha e comenta todo ato ideológico. Os processos de compreensão de todos os fenômenos ideológicos (um quadro, uma peça musical, um ritual ou um comportamento humano) não podem operar sem a participação do discurso interior. Todas as manifestações da criação ideológica – todos os signos não-verbais – banham-se no discurso e não podem ser nem totalmente isoladas nem totalmente separadas deles.

A palavra em seu sentido virtual é um signo neutro que pode ser utilizada para transmitir qualquer ideologia. No caso da obra analisada, a palavra aqui é utilizada em seu sentido vivo na linguagem, transformada em enunciado, como um meio de propagar uma ideologia revolucionária e, conseqüentemente, gerar as condições necessárias para a concretização da revolução. Mais adiante, ela começa a ser utilizada como meio de dominação, através de manipulação de documentos e da utilização de um discurso persuasivo.

Bakhtin (Id., p. 35) afirma no primeiro capítulo de seu livro *Marxismo e Filosofia da Linguagem* que

os signos só podem aparecer em um terreno interindividual. Ainda assim, trata-se de um terreno que não pode ser chamado de “natural” no sentido usual da palavra; não basta colocar face a face dois homo sapiens quaisquer para que os signos se constituam. É fundamental que esses dois indivíduos estejam socialmente organizados, que formem um grupo (unidade social); só assim um sistema de signos pode constituir-se. A consciência individual não só nada pode explicar, mas ao contrário, deve ela própria ser explicada a partir do meio ideológico e social.

Diante de tal afirmação, podemos concluir que memória e ideologia também tem relação, pois para que tais signos tenham a compreensão desejada é preciso que os membros de uma sociedade/coletividade tenham uma memória comum, que atribuirá os sentidos completos e pretendidos.

A oralidade tem grande importância na obra e é representada por Garganta (porco) e seu grande poder de retórica. Retórica é, basicamente, a técnica (ou a arte) de se comunicar efetivamente e persuadir o interlocutor através da oratória, ou outros meios de comunicação.

Garganta influenciava os animais da fazenda e através de um discurso convincente conseguia que os demais animais acreditassem que a revolução não estava sendo desvirtuada e que toda mudança, por mais absurda que fosse, parecia ser para o bem estar dos ouvintes.

A palavra, segundo McGarry (1999, p. 69-70):

é tão poderosa para criar novas realidades sociais em nossa complexa sociedade moderna, pode-se imaginar sua influência penetrante nas sociedades orais ágrafas onde não havia nenhum outro meio rival de comunicação. O poder decorria da habilidade de usar a falar para persuadir outrem; portanto, o caminho para o poder consistia em praticar assiduamente a arte da persuasão.

Como muitos animais na obra não tinham um domínio amplo da palavra escrita ou não possuíam domínio algum sobre a mesma, a arte da persuasão é exatamente a arma que a personagem de George Orwell utiliza ao longo de toda a obra.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho abordou as relações entre as diferentes formas de registro da informação e a produção de memória coletiva, expôs a importância que a memória, a comunicação e os documentos possuem em uma sociedade. A obra nos serviu de estudo de caso para podermos observar a utilização da linguagem como forma de dominação e também observarmos a importância da memória e da informação escrita e oral na estruturação de uma coletividade.

A memória coletiva, considerada um agente unificador de grupos sociais e sendo um fenômeno construído vai sendo consolidada através dos registros da informação, a partir de uma série de filtragens e disputas. Sabe-se que a memória, além de ser submetida a construções processuais, está condicionada a disputas sociais e ideológicas que culminarão nos registros que serão imortalizados pela história nos “lugares de memória”. Como apresentado no trabalho e exemplificado magistralmente na obra de George Orwell, não são raros os conflitos para determinar que fatos serão gravados registrados e quais serão apagados e esquecidos. Nesse sentido, a informação e a memória estão indissociavelmente ligadas ao apagamento e ao esquecimento. Daí a importância da existência dos lugares de memória, como arquivos, bibliotecas, museus, centros de documentação, dentre outros.

A produção documental está inserida nesse possível conflito, pois através da preservação, destruição ou manipulação dos registros nos documentos a pessoa, a sociedade, o governo ou qualquer instituição pode decidir a imagem que deseja exibir e construir. Além disso, o documento reflete perspectivas econômicas, políticas, sociais e culturais.

Por fim, mostramos a relação existente entre memória e ideologia, pois para que os signos possam ser entendidos em seu sentido completo é imprescindível que os

indivíduos participantes de uma coletividade compartilhem de memórias, valores, referenciais culturais comuns, que somente serão possíveis, por sua vez, por meio da palavra, nas suas diversas formas de expressão.

Dessa forma, diante da exposição dos conceitos relacionados com a obra *A Revolução dos Bichos* podemos considerar que memória, documentos, informação, palavra (escrita ou oral) e ideologia possuem uma grande influência na estruturação social, portanto é importante estar atento aos mecanismos de manipulação, ordenamentos, classificação (hierarquização), apagamentos; não a fim de diminuir a importância dos mesmos em uma sociedade, mas para podermos analisá-los à luz de um olhar crítico e não nos tornamos as *Ovelhas* da obra de Orwell.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. (VOLOCHINOV). Estudo das ideologias e filosofia da linguagem In: **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Editora Hucitec, 2009, p. 31-39.

CUCHE, D.. **A noção de cultura nas ciências sociais**. 2. ed. Bauru: Edusc, 2002. 256 p.

DODEBEI, V.; GONDAR, J. (Org.). **O que é memória social?**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2009.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

KARNAL, L.; TATSCH, F. G. A memória evanescente. In: PINSKY, Carla B.; LUCA, T. R.. **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009.

LE GOFF, C.. **Documento/Monumento**. In: ENCICLOPÉDIA Einaudi. Porto: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1997. v.1. Documento em pdf.

MCGARRY, K.. Armazenamento e Transmissão de Informações na Sociedade. In: _____. **O contexto dinâmico da informação**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 1999. p. 62-108.

NORA, P. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. **Projeto História**: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História PUC/SP, São Paulo, n. 10, p.7-28, dez. 1993. Semestral.

ORWELL, G. **A Revolução dos Bichos**. 32. ed. São Paulo: Globo, 1998. 98 p.

POLLAK, M.. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n.10, p. 200-212, 1992.